

Lugar de transformação política



# EDUCAÇÃO POPULAR EM MOVIMENTO

Entrelaçando  
Práticas e Saberes



## 2014, ano de grandes desafios e responsabilidades para os trabalhadores e trabalhadoras rurais

CÉSAR RAMOS



***Em 2014, Ano Internacional da Agricultura Familiar, os trabalhadores e trabalhadoras rurais terão grandes desafios: eleições gerais; disputa por terra, território e pelos recursos naturais; debate sobre as reformas estruturantes para o País; dentre outros que visam o desenvolvimento do campo brasileiro.***

**E**m 13 de março de 1964, em frente à Central do Brasil no Rio de Janeiro, o então presidente João Goulart, em um discurso histórico para dezenas de milhares de pessoas, anunciou o lançamento das Reformas de Base. Um amplo conjunto de programas em que se previam ações de profundas mudanças em áreas, como educação, saúde, economia, política e reforma agrária, com o objetivo de romper com as raízes do atraso e da desigualdade que mantinham a maioria do povo brasileiro, em especial a população rural, em condições de profunda exclusão e miséria.

Menos de um mês após o anúncio dessas reformas, em 31 de março de 1964, o Golpe Militar, promovido pelas forças conservadoras, apoiado pelos grandes meios de comunicação, e pelo governo dos Estados Unidos (EUA), rompe com os avanços políticos e democráticos em construção. Dentre os protagonistas nesse processo de avanços estava o conjunto de movimentos camponeses que deram origem à CONTAG.

O meio século que nos separa desse momento de ruptura no processo de constituição da “jovem democracia brasileira” não foi suficiente para garantir a retomada efetiva do debate sobre as Reformas de Base, em especial sobre a Reforma Agrária, cuja necessidade, ao longo de todo o período da redemocratização, não havia sido questionada com tanta veemência como tem sido atualmente.

Este ano de 2014, marcado pelos 50 anos do Golpe Militar, pela “novidade” das recentes manifestações de 2013 e por uma eleição presidencial, traz grandes desafios e responsabilidades para os movimentos sociais do campo. Em um contexto profundamente contraditório em que, ao mesmo tempo em que celebramos o Ano Internacional da Agricultura Familiar, Camponesa e Indígena, estas populações sofrem ameaças aos direitos historicamente conquistados por parte da representação do agronegócio no Congresso Nacional. Terras, água, biodiversidade, recursos e o conteúdo das políticas de desenvolvimento são disputados, palmo a palmo, em seus territórios e nos espaços da gestão pública entre estes povos e os representantes do agronegócio.

Portanto, a eleição que marca o calendário político de 2014, mais do que a possibilidade de um apoio a uma ou outra candidatura, oferece ao movimento sindical uma oportunidade de estabelecer, junto aos(às) candidatos(as) do campo democrático e popular, a construção de uma agenda de debates e de estabelecimento de um conjunto de compromissos sobre as reformas estruturantes, os sentidos do desenvolvimento do campo brasileiro e as necessárias mudanças e aperfeiçoamentos nas políticas públicas que o fundamenta.

Diante dos desafios e responsabilidades apontadas, a CONTAG, por meio da Secretaria de Formação e Organização Sindical, faz um chamamento às organizações e militantes do Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais para discutirem candidaturas próprias, organizarem momentos de debates sobre a plataforma de governo dos candidatos, e buscarem selar compromissos e formar uma grande rede em defesa da agricultura familiar e do desenvolvimento rural sustentável e solidário.

**Juraci Moreira Souto**

Secretário de Formação e Organização Sindical

## De um caminho com muitas trilhas nasce a ENFOC, um lugar de transformação política



Ao longo da trajetória de 50 anos da CONTAG, vários processos formativos deram suporte às lutas do Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (MSTTR) na defesa da terra, de direitos previdenciários e trabalhistas, na resistência à ditadura militar e no atendimento às novas emergências políticas decorrentes do período de abertura democrática.

Os processos de educação popular realizados por décadas como formação emancipadora e em caráter continuado, durante o período que caracterizou a redemocratização do País, perderam força nos anos 1990 e 2000 no âmbito de muitos movimentos sociais brasileiros. Grande parte deles foi substituído por processos formais de capacitação, orientados para o aperfeiçoamento de seus procedimentos internos e das suas capacidades de interlocução/ negociação com instituições estabelecidas nas esferas do Estado e do mercado.

No MSTTR, as políticas e programas diferenciados para agricultura familiar ganharam força, e as ações de formação construíram as condições para a realização de grandes debates, que subsidiaram o Movimento nas negociações e tomadas de decisões, qualificando a participação das lideranças em conselhos, câmaras

técnicas, grupos de trabalhos e fóruns.

Desde meados dos anos 1990, quando o padrão de desenvolvimento baseado na monocultura de exportação ganha mais força, os movimentos sociais se articulam e provocam amplos debates na sociedade sobre os rumos do desenvolvimento do País. É nesse período que a CONTAG propõe a construção de um Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário (PADRSS), baseado em uma ampla e massiva Reforma Agrária e na valorização e fortalecimento da agricultura familiar, cujas bases e estratégias acenavam para a ampliação dos diálogos com o Estado e maior enfrentamento com o patronato.

Com base no PADRSS, a formação amplia sua capacidade reflexivo-problematizadora para atender as novas demandas e passa a promover mais diálogos sobre o campo e os seus sujeitos, considerando suas especificidades e potencialidades. Pelo menos três questões passam a requerer maiores cuidados: a) a renovação das lideranças nos espaços de direção das organizações sindicais, que demandam rotinas mais frequentes e continuadas de formação; b) a heterogeneidade política e independência entre as organizações do sistema, que dificultam a realização de estratégias ►

## ARTIGO

mais coesas em relação à concepção de desenvolvimento e; c) a estrutura sindical (sistema verticalizado), que dificulta a gestão compartilhada das entidades sindicais, por meio de Secretarias, Coletivos e Comissões, necessária ao desenvolvimento do PADRSS.

Para reforçar a luta, o MSTTR cria a ENFOC com missão de desenvolver processos formativos continuados numa perspectiva crítica, libertadora e transformadora. Um espaço permanente de diálogo sobre: campo, sujeitos e identidade; Estado, sociedade e modelos de desenvolvimento em disputa; história, concepção e prática sindical, e; desenvolvimento rural sustentável e solidário, destacando as diferenças entre o agronegócio e a agricultura familiar, o mercado capitalista e a economia solidária, democracia representativa e democracia participativa e, ainda, os papéis dos movimentos sociais, do mercado e do Estado na construção de novas sociabilidades.

Estes conjuntos de temas, refletido em uma perspectiva crítica, com base nos princípios e metodologias da Educação Popular, têm contribuído para que as lideranças sindicais retomem os debates políticos a partir da visão de classe, fortalecendo suas estratégias de atuação diante do Estado e do patronato.

O Itinerário Formativo sustenta um conjunto de atividades em forma de cursos, oficinas, seminários e organização de Grupos de Estudos Sindicais (GES), orientado pelos mesmos referenciais teóricos e metodológicos. O Itinerário começa com a realização de um Curso Nacional de Formação Política com duração de 24 dias e que se desdobra nas regiões geográficas do Brasil, onde são realizados os cursos regionais com mais 21 dias e, em seguida, acontecem atividades formativas nos 27 estados, chegando, em muitos casos, a municípios e comunidades. As pessoas que participam de todas as fases do Itinerário fazem uma formação de 750 horas/aula, com atividades sequenciadas distribuídas ao longo de três anos.

Esse conjunto de atividades é realizado com crescente participação, gera novos espaços como conselho político-gestor, rede de educadores e educadoras e equipes pedagógicas, onde são avaliadas, planejadas e compartilhadas as experiências formativas. A partir destes espaços, são traçadas e realizadas as estratégias de sistematização, que apresentamos a seguir. ■

Síntese do artigo publicado na revista La Piragua do CEAL



## Descobrir-se sujeitos de sua história e ter consciência do que significa ser camponês na Região Sul

A discussão sobre sujeitos do campo foi a “porta de entrada” do processo formativo da 4ª turma da Região Sul. Ter um tempo para falar sobre suas origens, vivência, motivações, caminhos percorridos e seus problemas construiu na turma uma identidade de pertencimento e um desejo enorme de querer entender mais sobre suas origens e problemas, como também compartilhar os sonhos e as experiências que, apesar de pertencerem a mesma região, pouco conhecem o que acontece pelo interior dos estados.

Tudo isso, contribuiu para que o grupo compreendesse o que significa ser camponês na Região Sul. As diferenças no jeito de viver, herança de uma formação cultural tão diversa e, ao mesmo tempo, convivendo com problemas econômicos, sociais e ambientais tão semelhantes, ficou evidenciada desde o primeiro momento de reflexão da turma. Esta sintonia evidenciada, em parte, pelo traço cultural e organizativo da turma, mas também pela forma de como o tema foi abordado, marcou todo o processo formativo.

Daí percebeu-se que a turma estava mudada. O olhar focado e curioso de cada participante logo os conectou com os debates sobre Estado e sociedade. A problemática da atual relação entre Estado e sociedade levou-os a fazer reflexões de ordem estrutural da formação das sociedades e do campesinato no Brasil.

Entendeu-se que compreender a sociedade em que vivemos depende também das relações que estabelecemos entre nós, e que, ao longo da história da humanidade, o modo como construímos nossa reprodução material define as regras de convivência das sociedades. Compreender o capitalismo também é compreender um pouco de nós. E que, para mudar as injustiças dessa sociedade, temos que ser, sobretudo, capazes de mudar a nossa própria forma de vida e de se relacionar na sociedade.

A turma participou de uma visita pedagógica com forte momento de vivência e reencontro com as raízes históricas da luta, organizada pelo Assentamento Contestado, no município da Lapa/PR. Como principal aprendizagem desta visita destaca-se que a turma pode sentir, escutar e ver que a luta pela Reforma Agrária, desenvolvida pelos camponeses daquela região, significa

mais do que ter acesso a um pedaço de terra. Significa, sobretudo, ocupação do território, organização da produção de base agroecológica, investimentos intensivos em educação do campo e, principalmente, na organização social do povo camponês em Sindicato, Associação e Cooperativa.

Sem acesso a esse conjunto de questões necessárias à qualidade de vida no campo e do campo não podemos dizer que temos Reforma Agrária realizada. Somente com estas condições é possível ter vida digna no campo que tanto lutamos e sonhamos. ■



## Duas vivências metodológicas marcam a luta sindical na Região Nordeste



### RODA DE CONVERSA

A Roda de Conversa sobre memória e trajetória do MSTTR é um espaço de diálogo entre lideranças, que leva em consideração momentos e contextos políticos, e tem como objetivo lembrar as lutas de resistências e conquistas do MSTTR a partir de testemunhos de lideranças que lutaram em determinados períodos. Para organizar uma roda é importante tomar certos cuidados: definir bem o objetivo e convidar pessoas que tenham condições de abordar conteúdos e informações, que ajudem os participantes a refletirem sobre as principais lutas, motivações da militância, acontecimentos, o contexto político, como o que motivava as tomadas de decisão. Deve-se ter um facilitador(a) com conhecimentos e habilidades em mediação de grupos para problematizar os temas e criar condições de democratização da fala, e para assegurar que os participantes da roda interajam com as questões do debate. Finalizando o momento, a mediação deve organizar uma síntese/ memória, destacando as principais questões apontadas nos debates.

O Curso de Formação Política na Regional Nordeste contou com referenciais temáticos e metodológicos, próprios da região, que embasaram os debates para a tomada de consciência de classe, que foram sendo ampliados à medida que as discussões e reflexões aconteciam durante o curso.

Segundo os relatos avaliativos da própria turma, duas vivências marcaram esta formação. Primeiro foi a discussão sobre a história de luta e prática sindical, que possibilitou aos participantes um mergulho na trajetória de formação do campesinato no Nordeste. Este tema compõe a unidade integradora da estratégia formativa da ENFOC, chamada campo, sujeito e identidade, contida no eixo pedagógico memória e identidade.

Utilizando-se da metodologia “Roda de Conversas”, as discussões relativas a esta temática iniciam as discussões problematizando a atuação do movimento a partir de testemunhos “memória viva”, contada por lideranças

que viveram as lutas no Nordeste por melhores condições de vida no campo.

Oportunizar esse espaço de conversa com as lideranças traz para o movimento alguns desafios: ter contato com uma história pouco escrita/ registrada em nossos documentos; mexer em emoções silenciadas pelo tempo; reviver trajetórias e trazer para a consciência que o atual MSTTR é herdeiro de fortes lutas em defesa da vida e do direito a ter direitos; e que as atuais lideranças têm a responsabilidade pela ampliação e continuidade dessas lutas.

Apesar da saúde frágil, castigada pelo tempo, Manoel da Conceição fez a turma de 98 lideranças, composta de mais de 51% de jovens com até 32 anos, enxergarem que a luta pela terra e pelo território é necessária e deve ser construída a partir da resistência, da coragem e da organização. Da mesma forma, a companheira Gedalva de Carvalho trouxe de forma aguerrida como as mulheres eram vistas e tratadas no espaço sindical. Um espaço predomi-

nantemente machista, que foi se refazendo a partir da histórica luta das mulheres. A luta das trabalhadoras rurais no MSTTR abriu espaços para as lutas da juventude e também ampliou as pautas sindicais com o tema da saúde e da educação.

Francisco Urbano também deu sua contribuição trazendo os desafios da consolidação de uma entidade sindical com atuação nacional, organizada por camponeses das várias regiões do Brasil, com culturas diferentes e condições econômicas desiguais. Mesmo assim, estes(as) camponeses(as) souberam organizar a luta e resistir à ditadura militar, respeitando as diferenças, frutos de um país desigual como é o caso do Brasil.

Diante dessa forma de abordagem, pode-se notar mudanças comportamentais e falas emocionadas de reconhecimento às lideranças que dedicaram parte de suas vidas às lutas coletivas pela construção de uma sociedade justa, soberana e democrática.

O segundo momento foi ter o debate sobre o Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário (PADRSS) pisando no chão da Regional Nordeste. O clima desta região, muitas vezes desfavorável às

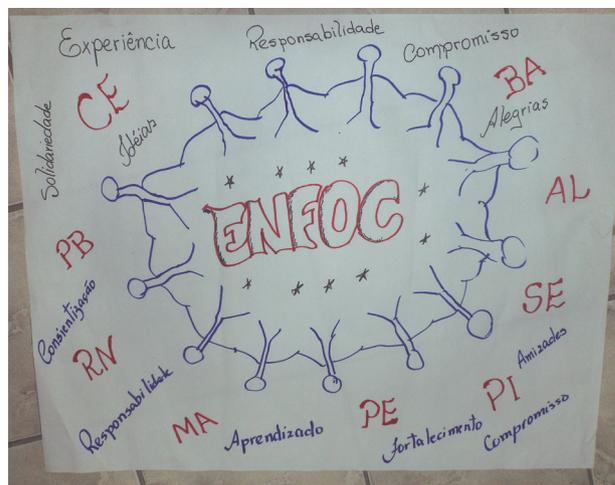
condições naturais/ climáticas de reprodução da vida, somado às pressões midiáticas, leva as pessoas a acharem que a saída é deixar o campo e migrar para os centros urbanos em busca de emprego. Depois de um bom diálogo sobre as bases do PADRSS e a conjuntura agrária e agrícola no Nordeste, a turma fez uma “visita pedagógica” a uma experiência de produção agroecológica, onde os participantes puderam ver, tocar e sentir como é possível viver bem no semiárido nordestino, se apropriando de saberes e práticas tradicionais de produção de alimentos saudáveis, respeitando as condições climáticas, ambientais e culturais.

Na visita, a turma pode rever conceitos, questionar práticas e se perguntar: por que o MSTTR não consegue ampliar as formulações e a capacidade de negociação de políticas públicas de desenvolvimento voltadas para o modelo da agroecologia, estimulando um processo transitório da agricultura familiar convencional para a produção agroecológica.

Depois desta intensa visita pedagógica, em um espaço de formação de tecnologias alternativas, o grupo percebeu que a Agroecologia não é um discurso político, mas uma prática real. ■

### VISITA PEDAGÓGICA

A visita pedagógica é uma metodologia muito utilizada para auxiliar nos debates sobre uma determinada temática. É importante que o espaço visitado seja conhecido antecipadamente para facilitar o planejamento e definição dos objetivos. As experiências visitadas podem ser: organizativas, produtivas, sociais ou culturais de uma determinada comunidade e ou povos, desde que ajudem a aprofundar a temática pretendida. É necessário, antes de qualquer iniciativa, definir o que se quer aprender com a visita pedagógica. A escolha da experiência a ser visitada precisa estar associada às questões temáticas que se pretende aprofundar/ questionar/ suscitar no curso. Recomenda-se haver, sempre, um planejamento prévio com os integrantes que recepcionarão a turma e com os educandos/as, disponibilizando informações básicas sobre a experiência. A turma deve estar desafiada a estabelecer uma relação de aprendizagem e troca. Ao final da visita, recomenda-se que haja um diálogo sobre o que foi visto, sentido, acolhido e partilhado. Esta prática pedagógica tem oportunizado reflexões sobre sindicalismo, organização produtiva, relações sociais de gênero e geração, e formas alternativas de se relacionar com a natureza.



## Realizar atividades regionais requer cuidados especiais com os tempos formativos

### AGRONEGÓCIO

O agronegócio é um modelo produtivo agroexportador, resultado de uma aliança entre o grande capital, representado pela agricultura patronal, com setores financeiros, industriais e com o Estado. Este modelo contém uma concepção ideológica de desenvolvimento para o campo com concentração de terra e de renda e sem gente. Investe na mercantilização dos bens naturais como terra, água e biodiversidade, construindo dependência por pacotes tecnológicos, insumos químicos, agrotóxicos, sementes transgênicas e maquinários, que devastam os recursos naturais e a saúde humana.

Esta é a única região em que o processo formativo já inicia marcado pela superação da dificuldade de circulação intrarregional, provocando a turma a construir saídas que considere os espaços e tempos da formação, cuidando para que a atividade seja, em si, um laboratório de fortalecimento das lutas e da identidade do povo amazônico.

Na região, pulsam múltiplas expressões culturais, étnicas e de relação com a terra, onde os conflitos agrários e agrícolas impõem ao povo lutas intensas em defesa da terra e do território. Este é o primei-

ro destaque de aprendizado característico desta turma.

Estudar a Região Amazônica, a partir de uma leitura crítica feita pela própria turma sobre a região e de como estão acontecendo os recentes processos de ocupação, levou a turma a dar conta de que os desafios pela defesa da terra e do território crescem e se diversificam à medida que o agronegócio se espalha na região e privatiza, ainda mais, os bens naturais - terra, água e biodiversidade.

Esta primeira leitura sobre a região fortaleceu a identidade do grupo e ecoou o grito da resistência diante do



modelo de desenvolvimento propagandeado pela mídia e pelos governos federal e local, como única saída para resolver os problemas de escassez de alimentos e infraestrutura produtiva da região, e de lutas pelo fortalecimento e defesa do modelo produtivo agroecológico e extrativista, e valorização de todas as práticas produtivas sustentáveis ambientalmente.

Fortalecidos diante da visão de desenvolvimento, a turma se desafiou a estudar mais sobre os impactos dos grandes projetos que estão sendo implantados atualmente sobre o discurso de abertura de uma “nova fronteira agrícola”. A turma entendeu que estes projetos não irão fortalecer a agricultura Familiar, e sim o modelo de produção do agronegócio baseado na monocultura de exportação, criação de gado e

extração mineral, onde, mais uma vez, deixará como legado a destruição da natureza, matança de camponeses, das populações indígenas e dos povos tradicionais. Somente com a união dos povos da região (camponeses, extrativistas, indígenas e ribeirinhos) será possível enfrentar este modelo predatório de desenvolvimento e criar as condições para ampliação e fortalecimento das práticas produtivas sustentáveis, fazendo valer a vida, a biodiversidade e a natureza. ■



### **PADRSS**

É o projeto político do MSTTR para o desenvolvimento do campo, cuja centralidade é: realização de uma reforma agrária ampla, massiva e de qualidade, fortalecimento e valorização da agricultura familiar com gente, promoção da soberania e segurança alimentar, e do trabalho e dignidade no campo. Este projeto contém uma concepção ideológica de desenvolvimento do campo baseada na garantia da igualdade e do respeito entre os povos e na transição para o modelo produtivo agroecológico e orgânico. Investe, ainda, na luta por políticas públicas sociais necessárias ao pleno desenvolvimento humano, e na superação dos históricos problemas estruturais de reprodução da vida no campo.



## As discussões sobre entidades sindicais fortes marcam os debates nos cursos regionais

O tema de organização e prática sindical permeou todo processo formativo das turmas nas regiões Sudeste e Centro-Oeste. Os participantes logo entenderam que, para fortalecer a luta dos trabalhadores(as) rurais, é preciso ter entidades sindicais fortes e atuando de maneira articulada.

Com isso, a ENFOC tomou pra si a responsabilidade de ampliar os tempos de debate sobre organização sindical nestas regiões, compreendendo que o papel da Escola é fortalecer a luta e a organização dos trabalhadores(as) rurais, numa perspectiva crítica e transformadora, junto às comunidades rurais.

Estas duas regiões têm forte presença da agricultura patronal, representada por grandes empresas transnacionais, que se posicionam questionando as pautas do MSTTR, argumentando que a agricultura é uma só, e que a diferença reside apenas do no tamanho das propriedades rurais.

Diante disso, foi construído com a turma um caminho metodológico, que favoreceu o acúmulo do debate sobre os modelos de produção e as pautas estratégicas do MSTTR na região, tendo em vista o fortalecimento da agricultura familiar agroecológica e a valorização do trabalho assalariado rural. Este processo implicou em problematizar como as pessoas vivem na região e estimular a busca de um “vir a ser”, desfazendo a visão fatalista de que não é possível

construir outro padrão de sociedade e de desenvolvimento, e enfatizando a condição universal do humano de ser humanizador e sujeito da sua própria história.

Este caminho ajudou a turma a entender que existem outras formas de produção e geração de renda, integradas à construção de novas sociabilidades, produtivas, relacionais e de cuidados, onde as pessoas interagem como sujeito e ator do processo organizativo e produtivo.

A intencionalidade da CONTAG de ter, cada vez mais, o PADRSS integrado ao cotidiano sindical ganhou expressiva materialidade neste processo formativo. Essas reflexões não deixaram dúvidas sobre o que significa o PADRSS na prática sindical, e para que horizonte ele aponta na construção de um projeto popular de sociedade. É como dizia Paulo Freire, “sem sonho e sem utopia, sem denúncia e sem anúncio, só resta o treinamento técnico a que a educação é reduzida”.

Todas as discussões foram feitas com base na concepção do PADRSS, nas lutas históricas do MSTTR e desafios para 2014 quanto à Reforma Política, e Eleições majoritárias e proporcionais. Momentos que irão requerer do MSTTR capacidade de influenciar nos debates, demarcando posição diante dos projetos que estarão representados nas disputas eleitorais e nas discussões sobre a Reforma Política. ■

TURMA SUDESTE



TURMA CENTRO-OESTE

Alguns espaços e dicas, que ajudam a organizar a Multiplicação Criativa, estimulam maior participação, criticidade e construção coletiva do conhecimento.



### DIÁLOGO PEDAGÓGICO

Diálogo pedagógico é uma vivência que ajuda as pessoas a fazerem autocrítica sobre o seu processo de ensino-aprendizagem, que oportuniza a apropriação do conhecimento, a ampliação da visão sobre o tema estudado, estimulando a mudança de atitudes e de comportamentos e ainda contribui para a integração do grupo. O diálogo estimula também a criatividade, a partilha de saberes e fazeres, e o exercício de novas práticas educativas. Para mediar um diálogo pedagógico é imprescindível ter consciência de que o que move o diálogo é a certeza de que todos/as aprendem e ensinam uns com os outros. É ter disponibilidade para viabilizar interações entre seres e saberes, despertando a curiosidade, a pergunta, a escuta e a inquietação. É não ter dúvida de que esta forma é uma pedagogia contra o silêncio, como nos ensinou Paulo Freire.





### COMISSÕES DE TRABALHO

Aprender a “fazer fazendo” é o que motiva a organização dos espaços que chamamos de comissões de trabalho. Organizar processos formativos de bases participativas requer tempo educativo, onde educador/a e educando/a planejam e desenvolvem atividades de cuidados e de autocrítica sobre o ensino-aprendizagem durante os cursos. O exercício dessa prática desperta a curiosidade e habilidades com a moderação de processos formativos, a construção coletiva e a mediação de conflitos. A atuação das comissões de trabalho deve estar em sintonia com os tempos previstos na matriz pedagógica do curso. À medida que as comissões de trabalho planejam uma determinada atividade com a turma, estão praticando a pedagogia da auto-aprendizagem. Muitas comissões podem ser organizadas a depender do que se pretende com cada uma delas. Recomenda-se que em atividades de formação continuada sejam organizadas as seguintes comissões: educação ambiental; organização; animação e lazer; sistematização; e avaliação.

---

## COMISSÃO DE ORGANIZAÇÃO

Organiza os espaços de atividade pedagógica, reflete com a turma sobre o cumprimento dos acordos de convivência e apoia os educadores/as no desenvolvimento das atividades e, ainda, ajuda na limpeza da sala de aula.



---

## COMISSÃO DE AVALIAÇÃO

Planeja e executa estratégias de avaliação em processo, envolvendo a turma para identificar aspectos que necessitam de readequação no planejamento das atividades do curso, visando o cumprimento dos objetivos.

---

## EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Estimula práticas de cuidados com o meio ambiente a partir do cotidiano da turma, aportando reflexões sobre o uso sustentável e conservação dos bens naturais.



## ESPAÇOS PEDAGÓGICOS

---

### COMISSÃO DE SISTEMATIZAÇÃO

Anima a turma para a auto-reflexão sobre o processo de ensino-aprendizagem, cria espaços de diálogos, organiza sínteses e rememórias dos conteúdos, destaca questões a serem aprofundadas e aporta conteúdos para reflexões.



### COMISSÃO DE ANIMAÇÃO E LAZER

Cuida de todos os espaços de aprendizagens extra sala. Organiza, em sintonia com a programação do curso, espaços e momentos de confraternização e brincadeiras educativas.



## OFICINAS DE AUTOFORMAÇÃO

As oficinas de autoformação são espaços que proporcionam ao educador e educadora em formação a prática do seu aprendizado. No Itinerário Formativo da ENFOC, as oficinas começam pela etapa regional e acontecem entre os módulos do curso. Para cada módulo, é realizada uma oficina de autoformação para assegurar que as equipes, em processo formativo, aprofundem temas, questões, vivências e se preparem para atuar na multiplicação criativa como educador e educadora, conforme prevê a estratégia de formação da ENFOC. Nos cursos estaduais ou municipais/regionais, estas oficinas também são realizadas e devem ser um espaço de estudo e do exercício de práticas pedagógicas, incluindo o monitoramento e a sistematização do processo formativo.

## POESIA

### É AQUI

*Onde os pés que abrem seus próprios caminhos sobre a terra  
Marcham semeando campos e cidades de esperança.*

*Onde o olhar distante que guarda a utopia  
Revela a consciência  
De quem não se aceita mais objeto da história.*

*Onde mulheres e homens já não tão moços  
Retomam a tempos de coragem e sensibilidade infantil.*

*Onde, por ódio ou paixão  
O choro fácil encharca as faces  
Daqueles que se permitiam sentirem-se vivos.*

*Onde a alegria corta o ar  
Em beijos e sorrisos enamorados de companheirismo  
A destruir a solidão individualista.*

*Onde de braço em braço  
Formam-se correntes solidárias a quebrar preconceitos  
Na afirmação de relações humanamente verdadeiras.*

*Onde pensar diferente não é crime  
A participação é um princípio  
E saber falar e ouvir são momentos de  
uma mesma aprendizagem.*

*Onde cabem todos os mundos  
E a diferença é a prova de nossa rica diversidade cultural  
E não elemento de exclusão.*

*Onde tremulam as bandeiras em melodias a embalar os sonhos  
De tantas Marias, Francisco, Antônio, Claras, Sebastões...*

*É aqui nas lutas de nosso tempo, dentro de nossos peitos  
E tangíveis à palma de mão de cada um  
Que se fazem as tais revoluções...*

*É aqui, bem aqui, no dia a dia  
Que nasce o futuro  
Nem amanhã... nem depois...*

*Evandro Medeiros (poema retiro do Livro Colheita  
em Tempos de Seca – cultivando pedagogia de vida  
por comunidades sustentáveis)*



### EXPEDIENTE

**ENCARTE/ROTA DA MULTIPLICAÇÃO CRIATIVA, ENTRELACANDO PRÁTICAS E SABERES. DIRETORIA EXECUTIVA - Presidente:** Alberto Ercilio Broch. **Vice-Presidente e Secretário de Relações Internacionais:** Willian Clementino da Silva Matias. **Secretária Geral:** Dorenice Flor da Cruz. **Secretário de Finanças e Administração:** Aristides Veras dos Santos. **Secretário de Formação e Organização Sindical:** Juraci Moreira Souto. **Secretário de Assalariados e Assalariadas Rurais:** Elias D'Ángelo Borges. **Secretário de Política Agrária:** Zenildo Pereira Xavier. **Secretário de Política Agrícola:** David Wylkerson Rodrigues de Souza. **Secretário de Políticas Sociais:** José Wilson de Sousa Gonçalves. **Secretário de Meio Ambiente:** Antoninho Rovaris. **Secretária de Mulheres Trabalhadoras Rurais:** Alessandra da Costa Lunas. **Secretária de Jovens Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais:** Mazé Moraes. **Secretária da Terceira Idade:** Maria Lúcia Santos de Moura. **Endereço:** SMPW Quadra 1 Conj 2 Lote 2 Núcleo Bandeirante - CEP: 71.735 - 102, Brasília/DF - **Telefone** (61) 2102 2288 - **Fax** (61) 2102 2299 - **E-mail:** enfoc@contag.org.br - **Internet:** www.enfoc.org.br - **Textos:** Raimunda Oliveira, Antenor Lima e Amarildo Carvalho. **Edição:** Verônica Tozzi. **Projeto Gráfico e Design:** Julia Grassetti. **Fotos:** Arquivo ENFOC.